

Ela não lembrava quando o sonho havia começado, apenas que já estava dentro dele. O bosque existia antes do pensamento, antes do passo. As árvores se repetiam com pequenas variações, como frases reescritas por alguém que quase acerta o sentido. A neve não caía, já estava ali, cobrindo tudo com uma delicadeza hostil, apagando caminhos que talvez nunca tivessem sido percorridos. O ar tinha gosto de metal frio, e cada inspiração parecia um acordo silencioso: continuar, mesmo sem saber para onde.

O corpo seguia adiante sem pressa. Não havia urgência, mas havia um chamado. Não um som, não uma voz, e sim aquela sensação incômoda de estar atrasada para algo que não se lembra de ter marcado. O frio se infiltrava aos poucos, não como dor, mas como presença. Os dedos perdiam a nitidez, depois os pensamentos. Em certos momentos, ela tinha a impressão de que não caminhava sozinha. Não por ouvir passos atrás de si, mas porque o silêncio parecia compartilhado.

Havia trechos do bosque em que as árvores se afastavam, formando clareiras rasas, e ali o branco da neve assumia tons estranhos, quase azulados, como se o chão guardasse sombras próprias. Em uma dessas clareiras, ela parou sem perceber que havia parado. Sentiu um aperto suave no estômago, semelhante àquele que antecede um choro antigo. Teve vontade de se lembrar de algo específico (um rosto, um quarto, um acontecimento), mas o esforço se dissolveu antes de tomar forma. A memória, ali, parecia escorregadia demais para ser segura.

Quando voltou a andar, a casa já estava à sua frente.

Não surgira aos poucos, nem se revelara entre os galhos. Apenas estava ali, sólida e quieta, como se sempre tivesse ocupado aquele espaço. Era pequena, comum, quase modesta. Telhado inclinado, janelas retangulares, paredes claras manchadas pelo tempo. Nada nela gritava perigo. Ainda assim, o entorno parecia mais denso, como se o ar se acumulasse ao redor da construção, evitando tocá-la diretamente. A neve, curiosamente, não se aproximava muito da porta.

Ela soube que era sua casa no mesmo instante em que duvidou disso. A certeza veio antes da explicação, crua e definitiva. Não havia lembrança que a sustentasse, mas

havia reconhecimento. Um reconhecimento sem afeto, como identificar um lugar onde algo importante foi perdido.

A porta não estava totalmente fechada. Um vão estreito deixava escapar uma penumbra morna, contrastando com o branco do lado de fora. Ela hesitou, não por medo explícito, mas por um desconforto mais sutil: a sensação de que, ao cruzar aquele limite, algo deixaria de ser possível. O que exatamente, ela não saberia dizer.

Ao empurrar a porta, o som foi quase inexistente. Não rangeu, não resistiu. O interior a recebeu com um silêncio diferente do que havia no bosque; um silêncio que parecia conter ecos mal resolvidos. O chão sob seus pés era firme, mas transmitia uma leve vibração, como se a casa estivesse acordada demais para um lugar tão parado.

O ar tinha cheiro de coisa guardada. Não velho, não podre. Guardada. Como roupas dobradas que nunca mais foram usadas, como cartas nunca abertas. A luz era baixa, mas suficiente para distinguir contornos: um corredor estreito, paredes nuas, um espelho pendurado torto. No reflexo, ela se viu desfocada, como se o vidro tivesse esquecido detalhes essenciais de seu rosto. Passou os dedos pela superfície fria e sentiu um arrepio que não vinha do toque, mas da estranha impressão de estar tocando algo que a observava de dentro para fora.

Avançou pelo corredor. Cada passo parecia rearranjar o espaço, tornando-o um pouco mais estreito, um pouco mais comprido. Em certo ponto, ela teve a sensação clara de que havia passado por aquela mesma parede antes, reconhecendo uma mancha escura próxima ao rodapé. Não se lembrava de quando, nem como. Apenas sabia.

Um quarto se abria à esquerda. A porta estava escancarada, e lá dentro havia uma cama simples, desfeita, como se alguém tivesse se levantado às pressas. O tecido do lençol era familiar demais. Ao tocá-lo, uma sequência de sensações veio sem imagem: febre, respiração curta, o som distante de passos que não chegam. Ela afastou a mão rapidamente, como se tivesse tocado algo vivo.

No fundo do quarto, uma janela mostrava o bosque. Ou algo parecido com ele. As árvores ali estavam mais próximas, mais altas, pressionando o vidro com galhos que não se moviam. Por um instante, ela teve a impressão de que, se piscasse, estaria do lado de fora novamente, caminhando em direção à casa pela primeira vez. O pensamento a deixou tonta.

De volta ao corredor, o silêncio começou a pesar. Não era ausência de som, mas expectativa. Como se a casa aguardasse uma decisão que ela ainda não havia tomado. Havia uma porta no fim, menor que as outras, quase escondida pela sombra. A maçaneta estava gelada, fria demais para um ambiente fechado. Ao segurá-la, seu coração acelerou sem motivo claro, como se o corpo reconhecesse algo que a mente insistia em negar.

Ela não abriu a porta.

O simples gesto de soltar a maçaneta pareceu provocar um alívio estranho, seguido imediatamente por culpa. A casa reagiu com um estalo suave, vindo de lugar nenhum. As paredes pareciam mais próximas agora. O espelho no corredor, quando ela passou novamente, refletiu um sorriso que ela não lembrava de ter feito.

Então, algo mudou. Não houve barulho, nem movimento visível. Apenas a sensação inequívoca de que não estava mais sozinha. Não uma presença definida, mas um acúmulo de intenções, de lembranças que não eram exatamente suas. O ar ficou mais espesso, difícil de engolir. Ela fechou os olhos por um segundo, e nesse intervalo breve demais, viu fragmentos desconexos: mãos pequenas segurando uma chave, uma porta sendo fechada por fora, neve manchada por algo que não quis nomear.

Quando abriu os olhos, a porta da frente estava fechada.

O bosque não era mais visível. As janelas agora refletiam apenas o interior da casa, repetindo corredores, quartos, sombras que não coincidiam com nada. Ela sentiu o pânico se aproximar, mas ele não se instalou por completo. Em seu lugar, surgiu uma

melancolia profunda, quase confortável. Como voltar a um lugar onde se sofreu muito, mas que ainda assim insiste em chamar aquilo de lar.

Ela se sentou no chão, encostada na parede fria, e respirou fundo. A casa parecia satisfeita, como se aquele gesto fosse o correto. Talvez não houvesse nada ali além dela mesma. Talvez houvesse. A diferença começava a perder importância.

Do lado de fora, se ainda existia um lado de fora, a neve continuava intacta, preservando pegadas que nunca seriam feitas. E dentro da casa, a moça permaneceu imóvel, tentando se lembrar se aquele silêncio sempre lhe pertenceu, ou se apenas aprendera, tarde demais, a escutá-lo.